



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOSÉ CÍCERO MORAES

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-322

Entrevistado: José Cicero Moraes

Nascimento: 04/01/1952

Local da entrevista: ESEF - UFRGS

Entrevistadoras: Natália Bender e Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 26/04/2013

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa:

Total de gravação: 18 minutos e 22 segundos

Páginas Digitadas: 7

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início do envolvimento com o Projeto Segundo Tempo; Função que desempenha no PST; Qual núcleo trabalha; Funções desempenhadas no projeto; Suporte pedagógico para os convênios e os núcleos; Projeto padrão; Participação em projetos de Capacitação; Opinião sobre os projetos de Capacitação; Capacitação à distância; Pontos positivos do PST; Quatro princípios básicos que norteiam as atividades pedagógicas; Limites e dificuldades encontradas; Peculiaridades, especificidades de cada convênio que participa do projeto; Dificuldades com transporte e espaços para a realização das atividades; Função do PST em minimizar as dificuldades dos convênios; Participação no projeto fornece subsídios e ferramentas que podem ser aproveitadas na função de professor da Universidade.

Porto Alegre, 26 de abril de 2013. Entrevista com o Professor José Cícero Moraes a cargo da pesquisadora Natália Bender, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Quando e como iniciou o teu envolvimento com o Programa Segundo Tempo?

J.M. – Bom, meu início no Programa Segundo Tempo (PST) foi a partir de 2011, a convite do atual coordenador geral desse projeto de convênio entre a UFRGS¹ e o Ministério do Esporte e essa pessoa é o professor Ricardo Petersen² que já me havia sondado e convidado se eu tinha interesse em participar do processo e na oportunidade que houve essa possibilidade. Eu assumi então na Equipe Colaboradora 18, onde estou atualmente desempenhando minhas funções dentro desse projeto.

N.B. – Qual a função que tu desempenha atualmente no PST?

J.M. – Bom, atualmente eu sou o vice-coordenador, o coordenador é o professor Alexandre Carriconde Marques e eu entrei como membro, mas atualmente eu em função de alguns ajustes das Equipes Colaboradoras, eu passei a desempenhar a função de vice-coordenador juntamente com o professor Alexandre.

N.B. – Que núcleo tu trabalha?

J.M. – Na realidade eu desenvolvo as atividades na Equipe Colaboradora que tem por função justamente, dar apoio, suporte pedagógico para os convênios e os respectivos núcleos existentes aqui no estado do Rio Grande do Sul.

N.B. – Quais atividades tu desempenha no programa?

J.M. – A atividade principal de um membro de uma Equipe Colaboradora como eu me referi anteriormente, é justamente dar um suporte pedagógico e eventualmente até administrativo, mas com uma ênfase muito acentuada na questão pedagógica a esses

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Ricardo Demétrio de Souza Petersen

convênios e os respectivos núcleos, então no momento em que nós fazemos as visitas ao convênio, há um processo não policaresco vamos dizer assim, mas de avaliação e a respectiva, sugestões e orientações daquilo que a gente viu. Sempre no sentido de melhorar as atividades do núcleo visitado, fornecendo subsídios, dando apoio na elaboração do planejamento, nas questões do desenvolvimento das aulas, também sugestões daquilo que no nosso entendimento a gente pode ver que pode colaborar no sentido de melhorar essa relação dos coordenadores também com os monitores junto com os beneficiários. Então eu vejo esse aspecto muito importante e muito rico da nossa participação, que nesse momento há essa possibilidade de fazer esse intercâmbio e troca de experiência e isso é importante também para mim, e eu acho que, acredito para todos que fazem parte das Equipes Colaboradoras, que também é o processo de duas vias; a gente aprende muita coisa também e tem muita experiência ao visitar esses núcleos, e na medida do possível a gente busca que é a nossa função principal, dar esse suporte pedagógico para que as coisas aconteçam sempre da melhor maneira possível dentro do convênio e como eu disse, cada convênio tem seus núcleos e nessas visitas então, esse é o processo básico, é a função principal e as atividades que eu como membro de uma equipe colaboradora desempenho junto ao Programa Segundo Tempo.

N.B. – A qual projeto está vinculado?

J.M. – Eu estou vinculado ao projeto padrão que é o que tem, vamos dizer assim, mais número de convênios existentes, existem os outros universitários também, mas eu não participei ainda de nenhum processo dentro dessa dimensão universitária, no padrão.

N.B. – Já participaste de algum projeto de capacitação?

J.M. – Tive a oportunidade já de contribuir nesse processo, em três vezes, onde foi possível dar também um suporte para coordenadores e monitores em três convênios que eu participei e também da mesma forma foi gratificante participar porque foi possível tentar passar para eles a ideia nas diretrizes que o PST tem como princípio dentro do seu processo e principalmente nas atividades práticas, a gente consegue então tentar expressar aquilo para que os coordenadores e monitores tenham uma instrumentalização e tenham subsídios para poder desenvolver a sua atuação diretamente no convênio e respectivo núcleo,

atendendo as diretrizes e missões que realmente o PST tem como carro chefe, que é fundamentalmente o esporte educacional e para desenvolver o esporte educacional há uma necessidade de entendimento dessa proposta e entendimento de questões que são bem específicas dessa, vamos dizer assim, dimensão do esporte educacional, que se difere de outras propostas, então tem que haver cuidado no desenvolvimento desse processo para não fugir da proposta básica do Segundo Tempo, que é justamente essa questão do esporte educacional.

N.B. – Qual a tua opinião sobre o processo de capacitação? Tu consideras bom, ruim?

J.M. – Atualmente está na minha participação nos processos anteriores, foi mais presencial, e atualmente está existindo outra proposta de capacitação em que essas aulas, por exemplo, presenciais estão muito diminuídas, muito restritas a mais, via processo de ensino à distância, então eu não participei ainda desse processo e atualmente vou participar porque existem alguns convênios que a gente vai ter que dar essa capacitação via esta nova ferramenta, mas eu ainda com essa ferramenta eu não participei, o meu envolvimento foi, de como eu falei anteriormente, capacitação em loco, onde a gente desenvolvia as atividades durante três, quatro dias, questões políticas, administrativa do próprio convênio, a gente entende, é um custo caro, reunir todos os grupos além dos capacitores que tem que se apresentar, então os custos são bastante elevados, então essa ideia de ensino à distância me parece muito importante e acredito que vá surtir os efeitos que se propõe.

C.M. – Onde é que foram essas capacitações que o senhor participou?

J.M. – Eu participei em Pelotas, na cidade de Novo Hamburgo e na cidade de Estrela.

C.M. – Quando é que foi?

J.M. – Sinceramente agora eu não tenho...

C.M. – Mas foi nos últimos anos?

J.M. – Não, foi em 2011, praticamente em 2011, quando eu assumi, comecei a participar do Programa Segundo Tempo.

N.B. – Quais os pontos positivos do PST?

J.M. – Eu digo que assim, sempre me refiro quando me perguntam alguma coisa, mesmo em uma situação anterior a esse processo que a gente está vivenciando aqui agora, eu acredito e classifico o Programa, um projeto extremamente meritório, a partir de suas diretrizes ele busca democratizar o esporte educacional, eu vejo isso como uma ferramenta extraordinária no sentido de dar condições e dar oportunidades de vivências dentro do esporte para populações que é o objetivo fundamentalmente em risco social, mas eu vejo que é uma oportunidade que talvez essa população não teria se não houvesse esse projeto, é uma oportunidade única e nessas visitas que a gente faz a gente fica as vezes até bastante, vamos dizer assim, bate um sentimento de alegria e um sentimento até de emoção porque a gente vê crianças que vivem num ambiente social bastante, vamos dizer assim, difícil e tendo a oportunidade de estar desenvolvendo uma atividade esportiva e para eles aquele momento ali é o momento de prazer, é um momento de gratificação muito importante, a gente vê no brilho deles dos olhos, que eles estão realmente gostando da atividade que estão fazendo, como eu disse, talvez se não houvesse o Programa Segundo Tempo, dificilmente ele teria uma oportunidade como essa de estar vivenciando essa questão do esporte e então isso justamente vem ao encontro da proposta do PST que é um processo de inclusão social, de trazer essas crianças que estão, “talvez fora de uma possibilidade de integração social” trazê-los para essa situação de melhoria de qualidade de vida, melhoria de comportamentos, de relacionamentos, socialização, em síntese, eu acho que de maneira geral há possibilidade reintegrar essas pessoas na sociedade, eu diria que o Segundo Tempo, no meu entendimento, também até de, aqueles, isso não é um princípio que está estabelecido no Segundo Tempo, mas pela minha vivência de dentro do meio acadêmico e nas minhas possibilidades que eu desenvolvo com os alunos, de questões pedagógicas, eu tenho quatro princípios básicos que norteiam as minhas atividades pedagógicas, e esses quatro princípios, fazendo uma relação, uma analogia com o que acontece no segundo tempo, eu acredito que esses princípios são atingidos, seria o princípio da intenção, o PST tem um intenção, ou seja, tem um objetivo para se fazer, ele não é desenvolvido de maneira aleatória, ou seja, vai como vai, não, tem propostas bem definidas, então existe

uma intenção por trás disso aí, há uma sistematização, a proposta do PST é três encontros semanais, então existe uma proposta sistematizada semanalmente, que possibilita uma sequência de atividades que certamente vai beneficiar a população atendida, existe um outro princípio que eu julgo muito importante que é uma integração e essa integração ela é feita interna e externa, ou seja, os beneficiários que estão participando dentro da proposta de esportes que são desenvolvidos, existe uma integração entre um esporte e outro e com as atividades complementares que possibilita essa integração então, somar no conjunto e obter nos resultados bastante satisfatórios. E o quarto princípio que eu julgo, não é o mais importante, mas é, sem esses certamente as coisas não acontecem, que é o princípio do prazer, eu acredito que as atividades têm que proporcionar prazer ao beneficiário, e quando ele sente prazer as coisas ficam mais fácil, então realmente, a partir desse princípio prazer, é que eu também identifico a nossa participação como membros de equipes colaboradoras. Possibilitar e instrumentalizar as pessoas que estão diretamente envolvidas dentro do processo, a fazer com que as atividades elas realmente não sejam, vamos dizer assim, desmotivantes, as atividades possam fazer com que mesmo em situações de risco as crianças tenham prazer, se sintam bem consigo, e consigam se relacionar com outras pessoas e o prazer aparecendo, acredito que já é oitenta por cento das condições subsequentes serão atendidas.

N.B. – E os limites e dificuldades encontradas?

J.M. – Isso é muito, vamos dizer assim, os núcleos e os respectivos convênios, vamos dizer assim são diferentes em cada, por exemplo, nós estamos no estado do Rio Grande do Sul e aqui a gente nota que cada convênio estabelecido nas respectivas cidades a gente encontra diferenças, são populações diferentes, idades diferentes, então cada cidade ou cada convênio tem as suas próprias peculiaridades, especificidades, mas eu diria assim, no âmbito geral as dificuldades são normalmente de situações as vezes de atendimento a uma determinada população por questão de infraestrutura, por exemplo, tem cidades que dependem exclusivamente de transporte, de levar as crianças para aquele local, esse transporte é feito via o convênio Prefeitura Municipal e Ministério, e aí esse transporte as vezes tem situações que falha, o transporte não vai buscar, naquele dia eu não tenho atividades. Às vezes não existem espaços, os espaços são extremamente limitados para desenvolver as atividades e, chove as atividades não acontecem e não existe às vezes

também um espaço fechado que possa substituir, para serem substituídas as atividades, complementares, ou outras atividades dentro da sala de aula, então a gente encontra esses problemas muito nesses núcleos que a gente visita, mas existem convênios que tem uma estrutura um pouco mais avançada, lógico, mas isso são exceções, mas de resto as dificuldades são encontradas porque justamente, o PST está justamente entrando naquela população que mais necessita. Se tem dificuldade, justamente o PST tem que estar lá, para procurar minimizar essas dificuldades. E como são atendimento a populações de risco, justamente as populações de risco vivem em um ambiente menos favorecido, então essas questões a gente também tem que entender, dizer que “Não aconteceu a aula hoje, porque choveu, ou porque não teve atividade” essas questões também tem que ser administradas, não como um aspecto negativo que o projeto não está funcionando, mas são os limites de cada situação, que você tem que entender também e discutir com os próprios membros e coordenadores de convênio e coordenadores do núcleo para tentar minimizar e tentar administrar esse processo. Como eu disse anteriormente, o projeto tem seus méritos, mas evidentemente em algumas situações de torna um pouco difícil de acontecer, dada essas situações fundamentalmente de infraestrutura de cada núcleo.

N.B. – Quer fazer mais alguma consideração, algo que não foi contemplado?

J.M. – Eu acredito que eu poderia, dentro de minhas, do que eu posso contribuir dentro desse processo, eu acho que pude já falar o que as experiências que eu estou vivenciando, para mim particularmente está sendo muito importante, porque eu consigo fazer uma, sendo professor do curso de Educação Física da UFRGS, esta minha participação no projeto também me dá subsídios e ferramentas para mim poder discutir isso com os próprios alunos, trazer para eles experiências que talvez eles não tivessem se eu não estivesse envolvido, não poderiam ter esse conhecimento se eu não tivesse envolvido no processo. Então também me auxilia no meu processo pedagógico, no desenvolvimento das atividades, de dar informações de outras situações que eles poderão vivenciar na sua caminhada acadêmica e na sua caminhada profissional, então eu tenho essa possibilidade justamente por estar envolvido no processo, e reforço à ideia de que eu acredito no projeto Segundo Tempo, tenho absoluta, vamos dizer assim, convicção que embora já estejamos atuando há alguns anos, mas cada reunião que a gente participa, no sentido de melhorar, a gente verifica que as coisas realmente estão melhorando, então avançando e eu tenho plena

consciência que o projeto Segundo Tempo vai se solidificar e vai ser perpetuado como uma ferramenta de política pública das mais significativas no Brasil, justamente, e no âmbito esportivo fundamentalmente por essas razões, porque a sua, os seus propósitos, as suas diretrizes, estão bem definidas e são extremamente significativas, evidentemente que o atingimento desses propósitos são, acontecem acidentes de percurso, mas isso aí, tendo, vamos dizer assim, uma gestão bem segura, uma gestão com os pés no chão, é possível a gente administrar esse processo e levar adiante e perpetuar esse programa.

N.B. – Obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]